

Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Istituto di Psicossintesi, Florença, 1966. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, Fev/2017.

Aula 01.1966.

CARL JUNG E A PSICOSSÍNTESE

Dr. Roberto Assagioli

Jung é dentre todos os psicoterapeutas o que tem mais afinidade e proximidade com as posições e prática da psicossíntese. Mas, a obra de Jung é tão vasta e distribuída em campos tão diversos, que o exame completo requereria um amplo volume, por isso, devo limitar-me a um exame comparativo levando em conta os campos que mais diretamente interessam à psicossíntese, isto é: **A constituição do ser humano; O dinamismo das energias psíquicas; Os métodos de terapia psicológica.**

O método comparativo é muito útil, coloca bem em evidência as posições correspondentes com as suas concordâncias e diferenças; mas comparar não implica nem julgar nem criticar, por isso, procurarei ser o mais objetivo possível, atendo-me aos fatos; então cada um poderá tirar suas conclusões.

Carl Gustav Jung foi um pesquisador genial e terapeuta da alma humana, um dos que mais corajosamente a fez com a mente livre de preconceitos e vínculos acadêmicos. Sua vida não teve acontecimentos notáveis ou dramáticos, nasceu na Suíça viveu com sua família em Kusnacht, em uma pequena vila confortável mas não luxuosa, situada em uma agradável localização ao sul de Zurique. Porém, fez também viagens e temporadas em países distantes (África, Índia, América) para estudar os vários povos e documentos das antigas civilizações. Jung acolhia gentilmente os visitantes que chegavam de toda parte, e eu guardo viva a recordação das conversas animadas tidas com ele em seu amplo consultório de paredes forradas de livros e pleno de curiosos objetos exóticos.

Seus dotes eram grandes e variados: tinha um profundo senso humano, uma intensa sede de conhecimento, uma admirável honestidade e modéstia intelectual, um reconhecimento sincero das próprias deficiências e também das dos outros. No livro Da Psicologia do Inconsciente (Roma, Astrolábio), ele não hesitou em confessar: “O

trabalho neste campo é trabalho de pioneiros. Errei muitas vezes e tive que recomeçar do princípio várias vezes. Estou consciente, e por isto, estou resignado a admitir que, como só da noite surge o dia, também a verdade brota do erro... Não temi nunca o erro e nunca me arrependi seriamente. Visto que a atividade da investigação científica para mim nunca foi a vaca que dá o leite e nem mesmo um meio para obter prestígio, foi sem dúvida um confronto com a realidade, muitas vezes penoso, através da experiência psicológica do dia a dia junto aos pacientes. Por esta razão, nem tudo que apresento foi escrito com o cérebro, mas muito também com o coração e o leitor benevolente não deve esquecer disso, quando, seguindo o andamento das diretrizes intelectuais, deparar-se com certos pontos de ruptura, por vezes, não muito consolidados. Nós podemos esperar um fluxo harmonioso da apresentação apenas quando se escreve sobre coisas que já são conhecidas. Quando ao contrário, perseguidos pela necessidade de ajudar e de curar, se buscam novas saídas, é necessário falar também das coisas que verdadeiramente não se sabe”.

Esta confissão é muito apreciável e mostra a modéstia de Jung. Este sentido da relatividade das nossas consciências e o reconhecimento do elemento subjetivo inevitável em todo pesquisador, fizeram-no recuar de toda construção sistemática, de toda afirmação categórica. Ele se colocou no território da experiência psicológica e do método empírico; e nisto demonstrou um espírito científico saudável; porém o levou também a flutuações, dúvidas, imprecisão de pensamento, e a não admissão como verdadeiras as realidades espirituais que transcendem a esfera estritamente psicológica. Esta sua limitação mostra, porém, quão injusta foi a acusação de ‘misticismo’ que lhe foi feita muitas vezes. Tal acusação demonstra uma total incompreensão, tanto de Jung quanto do misticismo; de fato trata-se de duas posições não somente diferentes, mas absolutamente opostas. O místico acredita firmemente na existência real de Deus ou de um Espírito Universal, está seguro de estar ou de ter estado em relação de união com aquela Realidade transcendente; Jung, ao contrário, se coloca diante dela em uma atitude agnóstica: admite a realidade subjetiva, psicológica, da experiência, mas diz que não se pode considerar demonstrada a sua realidade substancial, transcendente. Isto pode ser considerado, de acordo com o ponto de vista, um mérito ou uma limitação; seja como for absolve Jung da acusação de misticismo, que segundo certas pessoas é uma grave culpa!

Falemos agora do problema fundamental da psicologia: **a estrutura da psique**. Jung teve o vivo sentido da complexidade da psique humana; para citar suas palavras: “A

nossa natureza psíquica é de uma complexidade e diversidade inimagináveis”. Ele colocou bem em evidência a relativa autonomia dos vários conteúdos psíquicos e a existência de subpersonalidades, muitas vezes divergentes, ou como ele a chama, *personas* no sentido latino de *máscaras*.

Ele, porém, distingue estas personalidades, que correspondem também aos papéis ou funções sociais interpessoais da *personalidade interna*. Segundo ele, a “*personalidade interna* é o modo do próprio comportamento em direção aos processos psíquicos internos”. E diz: “Eu nomeio o termo *persona* para o comportamento exterior, o caráter externo, e o termo *anima* ao comportamento interior” (Tipos psicológicos, p.430)

Em relação às funções psicológicas, como é de conhecimento, Jung distingue quatro funções psíquicas fundamentais: **sensação, sentimento, pensamento e intuição**. Nisto difere claramente de quase todos os outros psicólogos, admitindo a existência da intuição como uma função psicológica normal do ser humano; e este é seu grande mérito.

Na psicossíntese, no entanto, insiste-se muito na importância e no valor da **intuição**, e na necessidade de seu desenvolvimento. Segundo Jung, “A intuição é função mediante a qual acontecem percepções *por via inconsciente*. Na intuição um conteúdo qualquer se apresenta como um todo completo”. E continua: “A consciência intuitiva possui um caráter de segurança e certeza, que induziu Spinoza a considerar a ciência intuitiva como a mais elevada forma de consciência”.

Entre os modernos o grande defensor da intuição não foi um psicólogo, mas um filósofo, Henri Bergson. Sobre intuição teríamos muito a dizer, apontarei somente que existem vários tipos ou níveis de intuição; a intuição bergssoniana, predominantemente nos níveis da personalidade normal, é bem diferente da de Plotino que é puramente espiritual. Segundo Jung, a intuição existe em ambos os níveis, onde assume diferentes aspectos, mas é fundamentalmente, a mesma.

Em relação às funções psíquicas há uma importante diferença: segundo a psicossíntese as quatro funções fundamentais de Jung não descrevem completamente a vida psíquica, pois existem outras funções igualmente fundamentais que merecem ser colocadas no mesmo nível. A primeira é a **imaginação**; direi que é estranha a falta de reconhecimento da função imaginativa de Jung, o qual dá, no entanto uma grande importância às *imagens* e aos *símbolos*. A explicação está no fato que, segundo ele, a

atividade da fantasia pode se manifestar em todas as outras quatro funções. Mas, ele o afirma sem demonstrar nem desenvolver; não vejo como a fantasia, a imaginação, possa manifestar-se na função da sensação que é uma percepção, por meio dos sentidos, da assim dita realidade externa, isto é de vibrações que chegam do mundo externo. No entanto, outros psicólogos dão justamente à imaginação um lugar fundamental na vida psíquica.

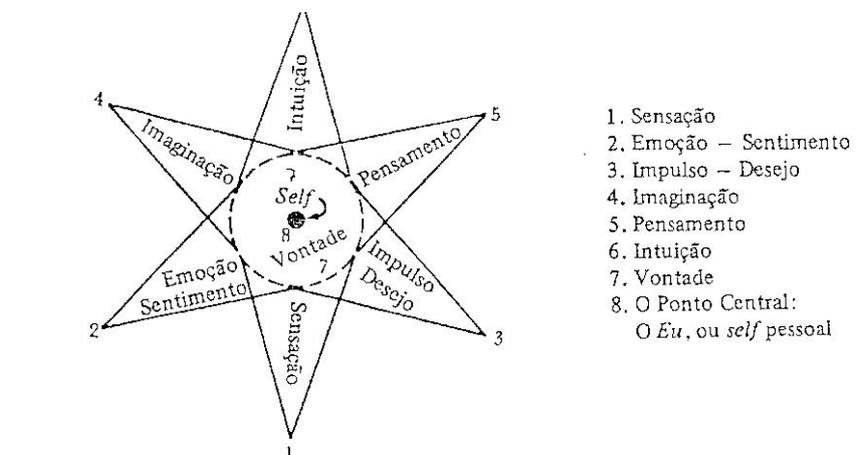
Talvez, poderá ter causado espanto o fato que dentre estas tendências ativas não tenha nomeado a **vontade**. Existe de fato uma diferença fundamental entre instintos, impulsos, desejos, de um lado, e *vontade*, do outro. Todos nós podemos constatar a diferença, aliás, a oposição entre eles; direi que a “condição humana” é um contínuo contraste entre instintos, desejos e impulsos, de um lado e a vontade, do outro; por isso, se estão assim em contraste, não podem ser a mesma coisa.

A **vontade**, em certo sentido, é alguma coisa misteriosa, e se, os psicólogos negligenciaram o desejo, têm geralmente ignorado a existência da vontade. Cito a este propósito o já mencionado dicionário inglês de termos psicológicos. A respeito das palavras *vontade* e *atividade voluntária* diz: “A psicologia científica não alcançou ainda o ponto no qual é possível definir como estes termos deverão ser usados; não parece possível ter os conceitos dos comportamentos que devem ser chamados voluntários e que diferem dos outros comportamentos em vários modos mal definidos”. Como podem ver, é algo muito vago, mesmo havendo uma aceitação de que esse algo existe – incômodo que é a vontade, para a psicologia. Não posso falar nesta ocasião, mas quem seguiu o Curso de 1963, ou quem leu as apostilas sobre Vontade, encontrará os dados essenciais para compreender do que se trata.

Uma das razões deste mistério da vontade é que ela está intimamente ligada com o EU, com o centro de consciência. Na realidade todas as funções são funções de um ser vivo, de um “eu”. É o EU que sente e pensa, que imagina, deseja e quer; mas principalmente que quer; por isso, como veremos, temos, em geral, um sentido muito vago, indistinto de nós mesmos, da autoconsciência, é natural que tenhamos um sentido igualmente vago e indistinto da sua função fundamental: a vontade.

Para indicar esta estrutura da psique, de modo aproximativo, fiz o esquema abaixo:

O centro de Consciência e suas Funções Psicológicas



Os vários triângulos que emanam do círculo central representam as funções psíquicas: **sensação, emoção, imaginação, impulso e desejo, pensamento, intuição**. A **vontade** tem uma posição diferente das outras, uma posição central que está indicada no círculo ou área em torno do ponto de autoconsciência, o EU. Este esquema dá uma ideia clara da estruturação da psique humana.

Chegamos agora à direção do interesse vital; aqui passamos do aspecto descritivo ao aspecto dinâmico. Uma das contribuições mais valiosas de Jung foi a descoberta e a descrição dos dois tipos psicológicos fundamentais, dependendo da direção do interesse vital para o externo ou para o interno: extrovertidos e introvertidos. Direi rapidamente que mais que dos tipos em sentido preciso e estático, trata-se de uma *preponderância* da direção do interesse vital, e das conseqüentes avaliações, escolhas, decisões e ações. Esta preponderância pode ser forte (por ex. em 90%) ou fraca (em 60%). Não acredito ser necessário descrever as características do extrovertido e do introvertido, uma vez que nesta altura são uma noção corrente. Recordarei só que ela tem variações extremas, até mesmo patológicas. A extroversão se observa ao estado direi quase puro da exaltação, na mania; e a introversão na melancolia, na depressão.

Esta direção de interesse vital tem alternâncias ou oscilações, sejam moderadas, normais, sejam extremas, patológicas. As alternâncias extremas aparecem na ciclotimia e na psicose maníaco-depressiva, com ou sem intervalos de equilíbrio. Além disso, a alternância pode ser rápida ou lenta, em ciclos longos ou frequentes.

Há uma alternância interessante segundo as idades. O recém-nascido é todo introvertido, todo fechado nas próprias sensações orgânicas. A criança, o jovem, torna-se pouco a pouco sempre mais extrovertidos, voltam seu interesse para o mundo externo. O adolescente, no entanto, está novamente introvertido: o despertar de energias, sentimentos e emoções provocam problemas, crises e atrai seu interesse para si mesmo. Depois o jovem e o adulto em geral extrovertidos, ocupados com as relações com os outros (interpessoais, familiares e sociais) e das atividades profissionais, ambições e etc. Na idade madura, na velhice retorna-se à introversão, ao afastamento, ao desinteresse pelo mundo externo e manifesta-se uma tendência à vida interior, à contemplação, à observação desapegada.

Em relação às combinações de interesse vital e às quatro funções, por ele descritas, Jung classificou **oito tipos**: o extrovertido sensorial, extrovertido emocional, extrovertido intelectual e extrovertido intuitivo, e os correspondentes tipos introvertidos. Porém, com estas e outras formas de classificações incorre-se no perigo do esquematismo, de enquadrar, de ceder à tendência (tão cômoda para nós) de rotular os seres humanos. Devemos nos abster disto porque não corresponde à realidade multiforme e complexa. Por outro lado, induz a considerar os outros como *objetos* e não como *sujeitos*. Por isso, estes rótulos aos quais é vinculado um comportamento mais ou menos consciente de valorização, ou melhor, de desvalorização, provoca muitas vezes reações hostis, intensas, que são bem justificadas.

Quanto aos oito tipos, são baseados em quatro funções reconhecidas por Jung, mas como dissemos, existem outras. Além disso, podem ter simultaneamente uma direção diferente nos vários níveis das várias funções: por exemplo, um homem pode ser predominantemente extrovertido fisicamente, introvertido emocionalmente e novamente extrovertido mentalmente. Assim, também sua vontade pode ser extrovertida ou introvertida.

Ademais, é necessário fazer outra distinção; existem duas modalidades distintas ou comportamentos da direção do interesse vital que são muito importantes: a *ativa* e a *passiva*. Jung menciona isso, mas não desenvolve este ponto que, a meu ver, tem, no entanto, uma importância fundamental. Um extrovertido passivo, dotado de excessiva sensibilidade, que sofre toda influência externa e sucumbe à vontade dos outros, é bem diferente de um extrovertido-ativo que tende a dominar coisas e pessoas, a submetê-las ao seu querer. Em certo sentido são tipos opostos.

Há ainda mais. Existem outras duas direções do interesse vital que devem ser reconhecidas e mantidas com a máxima consideração: a direção para baixo, que pode ser chamada subversão, e a direção para o alto, a superversão. A subversão é a tendência a sondar o inconsciente nos seus aspectos inferiores, é aquela da qual se ocupa a psicologia do profundo (“a descida aos infernos”), que poder-se-ia comparar ao esporte subaquático. Assim, na psicanálise há um interesse quase exclusivo para os aspectos inferiores da natureza humana.

Na superversão, pelo contrário, o interesse vital e a investigação psicológica estão voltados para os aspectos superiores da psique, em direção ao supraconsciente e as experiências espirituais – a superversão, em oposição ao esporte subaquático, pode ser comparada ao alpinismo. Jung teve o grande mérito de ter reconhecido e demonstrado a existência no ser humano desta tendência natural até o alto, de necessidade própria e verdadeira - que ele chama instinto, de satisfação espiritual, e colocou em evidência que, negligenciar ou reprimir tal necessidade, pode ser causa de graves distúrbios neuropsíquicos e também psicossomáticos.

Há também outra diferença menos evidente, a da qualidade, superior ou inferior, que é diferente da direção. Pode ser uma superversão de qualidade inferior: o sonhador, o idealista passivo, o teórico estéril, o utopista, são exemplos de superversão, mas em sentido estéril, negativo. Existe, ao contrário, uma subversão de qualidade superior: a investigação científica do inconsciente inferior, a sua exploração, o que se poderia chamar geologia e arqueologia psicológica.

Por ora, não posso falar das tarefas psicossintéticas vinculadas às varias direções do interesse vital; mas devo lembrar que existem também outros tipos psicológicos, em função de como está a “estrutura” da personalidade: relativamente coerente, bem “configurada”, unitária; há, no entanto, os tipos plásticos, defluentes, continuamente mutáveis; outros ainda são contraditórios, “ambivalentes”.

Tudo isto, mostra a grande complexidade da psique humana e o fato que não se pode enquadrá-la, sistematizá-la em uma designação ou descrição feita de um único ponto de vista. Somente a soma dos vários pontos de vista, das varias abordagens ou “quadros de referências”, pode dar uma ideia sempre menos imperfeita deste estranho ser que é o membro do quarto reino da natureza: o humano.

Até agora, tenho me referido ao inconsciente. Sua existência é nesta altura geralmente admitida, exceto por poucos psiquiatras e psicólogos ligados a velhas concepções que podem considerar superadas. Segundo Jung, o inconsciente é um conceito exclusivamente psicológico e compreende todos os elementos, conteúdos ou processos psíquicos que não são ligados ao EU de modo perceptível, consciente. Por isso, segundo Jung, o inconsciente não tem um “centro pessoal”. Nisto está plenamente de acordo com a psicossíntese que previne contra a tendência de fazer do inconsciente uma “entidade”, quase uma personalidade (um “senhor inconsciente”) mais ou menos de acordo ou em oposição ao consciente. “Inconsciente”, como disse outras vezes, é um adjetivo, não um substantivo; indica uma condição temporária dos conteúdos psíquicos dos quais podem ter o estado conscientes e podem voltar a sê-lo.

A contribuição mais importante à psicologia do inconsciente dada por Jung é constituída pelos seus amplos estudos sobre o inconsciente coletivo. Até esse momento, em psicanálise, estudava-se exclusivamente o inconsciente pessoal. Jung, por outro lado, colocou em evidência e de modo justo tantos elementos, tantas forças psíquicas coletivas que existem, e que, exercem uma potente ação sobre a personalidade humana. Em meu esquema da constituição da psique (ver aula II de 1963), o inconsciente coletivo é representado por tudo aquilo que existe fora da psique individual. A linha de demarcação é tracejada para demonstrar que existem trocas contínuas entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal. O inconsciente existe em todos os níveis, seja na personalidade, seja na psique coletiva. O inconsciente coletivo é um mundo amplo que vai do nível biológico ao espiritual, e no qual, portanto, é necessário fazer distinções de origem, de natureza, de qualidade, de valor.

Devo observar que, Jung muitas vezes negligencia estas distinções; ele fala em bloco do inconsciente coletivo e, muitas vezes, mescla com o que ele chama “arcaico”, ou seja, que tem origem na experiência milenar coletiva humana, e é superior, diremos supraconsciente, na esfera espiritual. Assim Jung fala de arquétipos como “*imagens*”; mas algumas vezes as descreve como imagens arcaicas da raça, carregadas de forte tonalidade emocional acumulada por séculos, enquanto outras vezes, se refere a eles como princípios, como “*ideias*”, mostrando assim sua afinidade com as ideias platônicas. Na realidade, não há somente diferença, mas verdadeiro antagonismo entre estas duas concepções dos arquétipos, e da confusão entre eles originam-se várias consequências discutíveis, e até mesmo, não favoráveis no campo prático, como terei ocasião de dizer, quando falar da terapia junguiana.

Em minha opinião, pode-se dizer, sem irreverência, que o próprio Jung foi dominado pelo potente fascínio do inconsciente coletivo contra o qual prevenia justamente seus pacientes.

Jung deu com razão uma grande importância aos símbolos e ao simbolismo e deles fez um amplo estudo. Ele reconheceu a pluralidade dos significados de um mesmo símbolo, enquanto muito frequentemente se tende a interpretar um símbolo somente de determinada maneira, baseado nos preconceitos teóricos de quem o interpreta; Jung demonstrou assim que o mesmo símbolo pode ter significados diferentes, não somente nos vários casos, mas também na mesma pessoa. Ele evidenciou que existem símbolos *regressivos* e símbolos *progressivos*, símbolos que se referem ao simbolismo arcaico do inconsciente coletivo e símbolos que indicam as tentativas, os esforços para resolver certos problemas, para realizar certos desenvolvimentos. Jung diz justamente que certos símbolos são mensagens do inconsciente (nós diremos do supraconsciente) à personalidade consciente e no seu método de tratamento utiliza-se, muitas vezes, destes símbolos progressivos.

Vejamos agora um tema importante: o da *espiritualidade* e da *religião*. Jung teve o grande mérito – e é talvez o seu maior mérito – de ter reconhecido e proclamado (quase só entre os psicólogos modernos) a realidade e a importância das necessidades espirituais; ele diz que, o homem tem necessidade de chegar a compreender o significado da vida, de acreditar que ela tem um valor e um objetivo de caráter espiritual. Jung constatou que muitos distúrbios neuropsíquicos decorrem da falta de satisfação desta necessidade, da sua repressão. Portanto, ele admite *plenamente* a importância do fator espiritual e das religiões enquanto portadoras de valores espirituais e enquanto ajuda à satisfação das necessidades espirituais.

Outro tema importante, o do *Ego* e do *Eu*, assim como as aplicações curativas e educativas, serão tratadas nas próximas lições.

Por hoje, concluo dizendo que, dados os limites de tempo, precisei, para meu desprazer, deter-me mais sobre diferenças que sobre concordâncias entre as concepções de Jung e as da psicossíntese, assim como em considerações sobre as lacunas que podem ser encontradas nas doutrinas de Jung; mas, como disse a princípio, ele nunca pretendeu dar um sistema completo e definitivo; sempre afirmou que a psicologia é uma ciência nova que se encontra ainda em um estágio infantil ou no máximo pré-adolescente.

Ele é considerado como pesquisador, explorador do imenso e mal conhecido mundo da psique; podemos acrescentar que foi um corajoso e genial pioneiro no qual abriu novos caminhos e dimensões da alma humana. Suas contribuições foram verdadeiramente preciosas; sobretudo liberou a psicologia dos limites estreitos da objetividade puramente descritiva; ampliou imensamente o campo da psicologia demonstrando a existência e o valor das funções psíquicas superiores, dos níveis e das necessidades espirituais.

Além disso, como veremos em seguida, indica uma saída para libertar-se dos condicionamentos da personalidade, e das fortes influências das imagens e das estruturas do inconsciente coletivo; assim ele ajuda eficazmente a realizar o processo de *individuação*, isto é a descoberta e o desenvolvimento do verdadeiro ser, do próprio EU. Por isso, ele merece a nossa grande admiração e a nossa gratidão.